



A Última Cena de SARAH BERNHARDT

William Bolitho

CADA UM DE NÓS vê a morte de maneira diferente: uns como um fantasma negro, outros como uma esperança, outros como um fracasso ou um alívio sem sonhos. Sarah Bernhardt via nela uma suprema tragédia para ser representada em triunfo. Planejou fazer de sua última aparição no palco da morte o melhor de seus papéis; pois era uma artista, não só de profissão mas também de alma. Sua arte não devia separar-se da sua pessoa, nem ser abandonada no fim.

Tudo estava disposto como ela ordenara: o caixão de pau-rosa forrado de cetim branco, que a acompanhara em tôdas as excursões, esperava no corredor, pronto para a derradeira viagem. O padre aguardava junto ao seu leito; aproximava-se o momento. Antes de deixar-se extinguir, examinou meticulosamente o cortejo que organizara para a sua grande saída. Encomendação do corpo na escura igrejinha de São Francisco de Sales. Depois o longo trajeto —uma alegoria de sua vida—pelo

majestoso Boulevard Malesherbes, cortando a multidão da opulenta Rue Royale e atravessando a comprida Rue de Rivoli; dos Palácios, numa extremidade, até à estreita rua em que as donas de casa estariam fazendo suas compras; uma pequena parada diante de seu próprio teatro; depois, vagorosamente, para a Cidade dos Mortos, o Père Lachaise, para aí jazer para sempre no passado.

Podia ouvir lá embaixo na rua os repórteres, seus últimos críticos. E operárias a caminho da fábrica, pedindo notícias suas. Teve a última casa cheia, esperando ansiosamente por ela. Sabendo disso, exclamou, meio impaciente como um ator atrasado:

—Como demora!

A morte é impontual. Os raios de um sol de primavera, penetrando através das barras da veneziana, vieram confortá-la. E com o último suspiro disse:

—Quero flôres, muitas flôres.

O céu estava limpo e luminoso no

dia em que a enterraram. Quando o caixão surgiu à porta, o sacristão deu com o bastão três pancadas nas pedras da aléia—o sinal para anunciar o levantar do pano de bôca—tal como desejara. Tôda a multidão que enche as noites de estréias ali estava; o que havia de melhor no mundo da moda, do dinheiro, das artes, seguia o cortejo funerário, co-atôres de sua maior produção. Havia as flôres que pedira—mais do que sonhara; mais do que recebera em qualquer noite de gala. Só elas enchiam sete carros. As ruas de Paris foram suas últimas galerias, apinhadas de gente num trajeto de oito quilômetros, para ver

Sarah representar o seu último ato.

A despeito das rosas que a cobriam—enquanto desfilava no estreito féretro puxado por cavalos negros, ajaezados de prata—desapareceu finalmente a última ilusão de cena teatral. Porque todos estavam certos de assistir ao entêrro de uma pobre velha, que ia ter o repouso bem merecido . . . depois de 70 anos de trabalho, durante os quais provara tôdas as alegrias e conhecera tôdas as amarguras possíveis. Não era o cair de pano que idealizara—era algo maior. A última cena de Sarah provocou emoções que ela jamais sentira, nos dias de seus primeiros triunfos.



Na Manhã Seguinte

Após sua derrota nas eleições primárias republicanas do Condado de Jefferson, Estado de Tennessee, Briscoe Holt, candidato a delegado, publicou o seguinte anúncio no *Banner*, de Dandrigde:

Perdi várias semanas cabalando. Perdi vários hectares de milho e batatas. Dei dois novilhos e cinco cabritos para churrascos. Dei cinco suspensórios, seis vestidos de senhora e 15 chocalhos para bebês. Areei 70 hectares e espalhei 63 cargas de estrume para possíveis eleitores. Carreguei 24 baldes de água, fiz 14 chaminés, acendi 17 fogueiras e beijei 115 crianças. Andei 10.395 metros, apertei 9.847 mãos e falei o bastante para encher vários volumes. Perdi dois dentes da frente e um pouco de cabelo num desfôrço pessoal com um partidário de um adversário. Compareci a 26 reuniões de reavivamento da fé, namorei nove divorciadas e fui mordido por cachorro 39 vêzes e, MINHA GENTE, ASSIM MESMO FUI DERROTADO.

Quero agradecer aos meus 43 amigos, E SÃO, DE FATO, AMIGOS, por terem votado em mim, e ao resto do Condado de Jefferson aviso que agora estou andando armado de carabina, porque um homem que não tem mais de 43 amigos num condado grande como Jefferson positivamente precisa de muita proteção.—BRISCOE HOLT